

UMA ÉPOCA *duas literaturas*

O mundo dos nossos dias é caracterizado por uma profunda rotura entre os lados ideais e materiais da vida. A realidade de hoje compartilha-se entre os sonhos do homem que viu acentuar-se desmesuradamente, neste último século, o seu poder de domínio sobre a natureza mas que simultaneamente assistiu ao desencadeamento contra ele próprio das forças que criara.

Como não pode deixar de ser, as correntes da literatura actual reflectem esta cisão, com todos os seus cambiantes. Por muito que os nossos literatos puros venham apregoar-nos — em todos os campos há doentes de deformação profissional — a sua intemporalidade, qualquer arte não pode deixar de reflectir, mais ou menos humanamente, as condições concretas que deram razão de ser ao seu aparecimento. O espírito não é mais do que uma manifestação da vida; e é da essência da vida o ela ser movimento constante. Por isso é que o homem parte sempre da sua posição real na sociedade, quando traduz, em arte ou qualquer outra forma, as suas tendências espirituais — isto é, quando se realiza.

Ora perante o desequilíbrio do mundo da nossa época, a humanidade está cindida em duas, quantas vezes antagónicas: a daqueles que, na curiosa imagem do Prof. Abel Salazar, vogam, como rôlhas de cortiça, ao sabor dos fluxos e refluxos da história contemporânea,

contraditórios e adversos; e a dos outros, que compreendem o vínculo que os prende à vida e sabem interpretar a realidade, sem se perderem nos seus aspectos desconstruídos, com a consciência do sentido do movimento que nela existe implícito.

A dos primeiros é a falange ou dos idealistas utópicos em choque permanente com um real a que não sabem prescrutar as promessas de mutação eminente; ou a dos que levam o seu maquiavelismo até fazerem do espírito um instrumento ajustado à defesa de interesses com que se identificam; ou ainda a dos que são vítimas do lôgro em que êstes os induzem. Trata-se de inconscientes, na maioria, incapazes duma compreensão coordenada e *total*, que geralmente se perdem na especialização e apreensão duma pequena parcela da vida, trocando o todo pela parte; na realização duma arte onde os seus sentimentos de impotência, de esperança ou desalento, de renúncia ou de evasão se fundem; na construção duma filosofia que é um disfarce à sua incapacidade de entender, sistemas baseados no obscurantismo, intuicionismo, irracionalismo ou nas místicas. Todos êles são os filhos degenerados, produtos híbridos da decadência, daqueles que, noutra época, surgiram cheios de esperanças e optimismo, confiantes na vitória do homem e no seu destino e que, no entanto, traziam, com as bases do